

# Uma causa desesperada para São Judas

A tradicional igreja devotada ao santo apóstolo, no Marapé, passará por uma reforma que fechará suas portas entre 90 e 120 dias

FERNANDO DE SANTIS

DA REDAÇÃO

Segundo a tradição da Igreja Católica, São Judas Tadeu é o santo padroeiro das causas desesperadas. Pois seria um bom santo para recorrer no caso das necessidades da paróquia que leva seu nome, no bairro do Marapé, em Santos, onde parte do forro já caiu em decorrência de infiltrações no telhado.

De acordo com o pároco da igreja, monsenhor Francisco das Dores Leite, o padre Chiquinho, o problema começou a mostrar sua cara há aproximadamente quatro anos, quando “uma bela cachoeira” começou a correr na parede direita da igreja, resolvido pelo que o padre, sempre bem humorado chamou de operação tapa buracos.

Mas aquele vazamento, bem nutrido, deixou filhos que foram aparecendo ao longo do tempo, enquanto a idade fazia seus estragos na já bem antiga cobertura daquela morada do Senhor. Hoje, eles mostram que adoraram sua nova casa, aparecendo em vários pontos da plateia, onde são colhidos por enormes caixas d'água azuis usadas como baldes em goteiras.

“Costumo aconselhar os fiéis a vir com guarda-chuvas nos dias de chuva. caso sejam necessários durante as missas”, agradece o padre, à frente da São Judas há 44 anos.

Como as goteiras, começaram a brotar os orçamentos, conta o padre: R\$ 500 mil, R\$ 400 mil, até chegar a um de R\$ 120 mil, em novembro de 2012. Os colaboradores da igreja adoraram o preço e saíram à busca do que faltava em dinheiro para começar a obra, já que a questão passou a ser considerada urgente, quando começaram a cair os revestimentos do teto, a 16 metros de altura.

## FERRUGEM COME O ORÇAMENTO

Quando já haviam adquirido R\$ 42 mil em sanduíches de

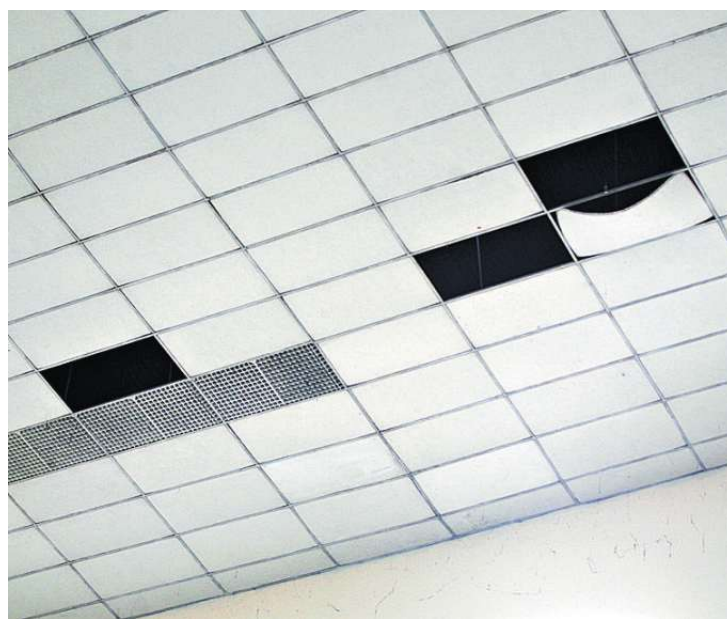


FOTOS CARLOS NOGUEIRA

As constantes e antigas infiltrações foram minando o forro da nave: vilã foi a ferrugem nas vigas de sustentação do telhado



Padre Chico e os 'sanduíches' de alumínio e isopor: aos fiéis, guarda-chuva



No detalhe, as chapas do forro que já despencaram, por causa da umidade

telhas de alumínio forradas de isopor e se preparavam para arcar com um custo de

mão de obra de outros R\$ 50 mil, veio outra má notícia: grande parte dos muitos va-

zamentos no enorme salão da igreja veio da ferrugem nas vigas que sustentam o

telhado, notícia que chegou há bem pouco tempo, e caiu sobre a cabeça das dezenas

de voluntários – fiéis que ajudam o pároco na manutenção da paróquia.

Mas aí, com o risco evidenciado pela queda de revestimentos, telhas já compradas e serviço já contratado, a decisão foi de continuar mesmo sem ter como arcar (“ainda”, salienta o padre) com a verba para as estruturas metálicas, que engordam o custo inicial em R\$ 150 mil.

O padre afirma que, embora dirija uma igreja grande e cheia de fiéis (a capacidade da São Judas é de mais de 800 pessoas sentadas e até 200 em pé), a comunidade da paróquia é pobre. Ele conta com a ajuda de empresários, comerciantes e outros bons samaritanos para ajudar São Judas Tadeu a operar mais causas desesperadas. Neste caso, a de sua própria sede: encontrar outros 150 mil de doações para que o teto se mantenha íntegro, firme e sem goteiras, em um futuro breve.

“Neste domingo, dia 3, rezaremos as três últimas missas na igreja, a das 7 horas, a das 8h30 e a das 18 horas. Depois, as portas se fecharão, os bancos serão empilhados, será montado um andaime de 8 toneladas e as telhas e o forro começarão a ser trocados. Isso por um período entre 90 e 120 dias, dependendo das chuvas”, comenta padre Chiquinho. Ele lembra que nesse intervalo, em que a igreja estará em reforma, as missas serão celebradas na esquina da rua Alfredo Albertini com a Napoleão Laureano, onde funciona um outro prédio que pertence à paróquia.

“É bem menor, mas parecerá com uma reunião de família”, comenta o padre, sempre otimista.

# Luto no Embaré: morre frei Guilherme

LINCOLN SPADA

DA REDAÇÃO

Naqueles tempos, o apóstolo Paulo escrevera que “dentre as virtudes da fé, esperança e caridade, a maior delas é a caridade” (I Cor 13,13). A mensagem aos gregos também sintetiza os 92 anos de frei Jiácomo (Guilherme) Sônego, que faleceu ontem, às 10 horas, em Santos.

O religioso da Ordem dos Frades Menores Capuchinhos (OFM-Cap) estava internado desde o início do mês no Hospital Ana Costa, com um quadro de pneumonia e desidratação. Desde agosto, ele vinha se tratando de câncer no estômago e fígado.

Nascido em 3 de julho de 1920, em Limeira (SP), o frei ain-

da menino sonhava em jogar bola. Mas, aos 12 anos, quando seu avô lhe deu um livro sobre a vida de São Francisco de Assis, escolheu o carisma franciscano. Foi o primeiro, entre os 12 irmãos, a seguir a vocação religiosa.

Ordenou-se sacerdote em 8 de dezembro de 1944. Mais tarde, ele teria um irmão padre Redentorista, outro Dominicano, uma irmã Marcelina e mais duas irmãs e um irmão da Congregação Paulina.

Nas décadas de 40 e 70, trabalhou como padre, professor escolar e universitário em Mococa, Piracicaba e São Paulo. Tornou-se provincial da congregação na Capital e veio para a Baixada Santista em 1981,

## A missa

**A missa de exéquias pelo frei Guilherme será celebrada hoje, às 10h30, na Basílica do Embaré (Avenida Bartolomeu de Gusmão, 15). Em seguida, ocorre o traslado de seu corpo a Piracicaba, onde será sepultado**

como vigário da Basílica de Santo Antônio do Embaré, onde atuou até o seu falecimento.

Envolveu-se com as atividades da Irmã Maria Dolores Junqueira (1926-2008), acompanhando os trabalhos das Comunidades Eclesiais de Base na Vi-

la Gilda (Santos), Humaitá, Samaritã e Quarentenário (São Vicente), sendo que nesta última, ele presidiu missas semanais, até dezembro do ano passado.

No Quarentenário, empenhou-se na construção da Escola Raul Rocha do Amaral, da Escola Profissionalizante Irmã Maria Dolores, da igreja Nossa Senhora da Esperança e na implantação do Restaurante Popular.

Em nota, o vigário geral diocesano, padre Elcio Antonio Ramos, ressaltou a atuação do frei por décadas na Baixada Santista, “especialmente entre os mais pobres. Temos a certeza, como cristãos, que Deus o receberá em sua glória e lhe dará o prêmio da vida eterna pela missão cumprida entre nós”.



IRANDY RIBAS/ARQUIVO

Ele chegou na Baixada Santista em 1981 e teve atuação entre os pobres

# PM: novo comandante não conhece a região

EGLE CISTERNA

DA REDAÇÃO

Na mesma semana em que foram divulgados os índices de criminalidade, que apontam um aumento de 46,2% nos homicídios em Santos, o Comando de Policiamento do Interior (CPI-6), troca de chefia. A partir do dia 6 de fevereiro, o coronel Carlos Celso Castelo Branco Savioli passa a comandar a corporação na Baixada Santista e Vale do Ribeira.

Há 31 anos nos quadros da Polícia Militar e sem conhecer a região, Savioli está estudan-

do a área em que irá atuar. “O ideal é que o comandante seja da região, mas como os coronéis passaram para a reserva e não tem nenhum outro coronel na região, tive que vir de São Paulo”, explica.

Savioli sempre esteve ligado à área de Choque da PM e, de 2009 a 2012, comandou o 2º Batalhão de Policiamento de Choque (BPChq), em São Paulo, especializado no policiamento em grandes eventos. Em abril de 2012, passou a comandar o policiamento da zona oeste da Capital.

## Contra o crime

**“As mudanças serão pequenas e constantes, a longo prazo, e levarão mais de um ano para surtir efeitos visíveis”**

Carlos Celso Castelo Branco Savioli, que assume o CPI-6 na próxima semana

“A minha formação é estritamente militar, com dedicação ao combate à criminalidade”, afirma. E, justamente por is-

so, o homem que terá como uma das missões reverter os altos números da violência diz estar preparado. “2012 foi um

ano pesado para todo o país, mas os índices de criminalidade na região preocupam, pois subiram. Não se pode fazer mudanças abruptas. Elas têm que ser pequenas e constantes, a longo prazo”, diz o coronel. Ele calcula, as ações que implantar devem começar a dar resultados a partir do primeiro ano de atuação.

## CURTO PERÍODO

Savioli substituiu o coronel Marcelo Afonso Prado, que ocupou a função por sete meses. Antes dele, o coronel Sérgio Del Bel comandou o CPI-6 desde março de 2010. Ambos saíram por conta de aposentaria.

Para o coronel da reserva

da PM, e ex-secretário Nacional de Segurança Pública, José Vicente da Silva Filho, a troca constante é complicada.

“Isso gera perda da continuidade das ações, principalmente quando há troca em menos de dois anos”. Para que isso não ocorra, além da permanência por mais tempo no cargo, um plano regional poderia garantir o segmento de vários programas.

Quanto aos índices de violência que aumentaram, ele afirma que isso não está necessariamente ligado à troca de comando. “O novo comandante deve verificar porque aumentou, o motivo e avaliar as falhas”, comenta.